

# Sarney afirma que não é um líder carismático

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

"Eu não sou candidato a líder carismático. Cumpro meu dever e sigo o exemplo de José Américo, para quem não existe o caminho da volta", afirmou ontem o presidente José Sarney, pouco antes de viajar para Barretos. Indagado sobre o êxito de sua administração, reiterou que terminado o mandato voltará para casa e será "candidato apenas ao respeito dos cidadãos brasileiros", frisando estar determinado a realizar as transformações que o País necessita para superar suas dificuldades.

O presidente Sarney recordou o episódio de sua posse no governo diante do impedimento de Tancredo Neves, cujo primeiro ano da morte transcorre amanhã. "É uma recordação que não é fácil para ninguém, ser acordado às 3 horas da manhã e avisado de sua posse na Presidência da República. Naquele momento eu senti uma gran-

de emoção, a mesma da qual participava todo o povo brasileiro", comentou o presidente. Acrescentou ter assumido a Presidência sabendo que fazia parte do seu destino. "Deus iria ajudar-me a cumprir a grande tarefa de modificar esta Nação e implantar a Nova República."

Ao avaliar rapidamente o primeiro ano do novo regime sem Tancredo Neves, o presidente disse ter procurado cumprir seu dever e ao mesmo tempo "dignificar a carreira pública e a classe política", promovendo as reformas preconizadas pelos compromissos assumidos por Tancredo Neves em sua campanha. Citou entre elas a convocação da Constituinte, o restabelecimento das eleições diretas para a Presidência, a liberdade de criação de partidos e a consolidação da democracia em bases estáveis, além da recente reforma econômica.

## DISCURSOS E GINÁSTICA

Antes de embarcar para Barre-

tos, às 12h30, o presidente José Sarney trabalhou na elaboração de sete discursos no Palácio da Alvorada, segundo comentários de seus assessores. O presidente discursou ontem na exposição pecuária de Barretos, falará hoje na convenção do PFL e, amanhã, em Barbacena e duas vezes em São João Del Rey, nas homenagens póstumas ao presidente Tancredo Neves. Na terça-feira, Sarney fará pronunciamentos também no Rio e em Vitória, em mais dois compromissos de sua agenda oficial.

Além de preparar todos os discursos, dando a redação final em dois deles, Sarney fez ginástica depois do café, uma prática que vem seguindo há meses a conselho médico, de modo a manter a forma física e prevenir-se contra o desgaste provocado pelo excesso de trabalho.

(O noticiário sobre a visita de Sarney a Barretos está na página 37.)

## Agora, sem a "turma da copa"

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

Disciplina messiânica, experiência de 30 anos de vida política e uma sorte de caçador de tesouros — estes os ingredientes manipulados pelo presidente José Sarney para manter-se na dianteira de todo aquele que tenta fazer sombra a seu desempenho.

A mudança de poder influiu não só na Praça dos Três Poderes — onde costumava ficar dividido entre gabinetes militares e econômicos —, mas na própria rotina do Palácio do Planalto, acompanhada detalhadamente pelo presidente.

É do gabinete do terceiro andar que Sarney vem exercitando, diariamente, o Poder Executivo com a amplitude fixada pelo regime presidencialista. E, se em alguns momentos se chegou a pressentir a existência de eminência pardas, estas foram sufocadas pelo pacote econômico, que fortaleceu o presidente junto à opinião pública e ao Congresso. De quebra, mostrou que dez meses de governo foram suficientes para controlar as mais variadas preocupações.

O Palácio do Planalto funciona, atualmente, sem aconselhamentos e empurrões de estrategistas de gabinete. O próprio presidente desempenha esse papel, depois de inúmeras tentativas e erros, como a formação da chamada "turma de copa" — apelido dado ao grupo formado pelos primeiros assessores pessoais do presidente.

Combaldio pelos episódios que o levaram à Presidência da República, Sarney se dividia, antes, entre os pare-

ceres do então consultor-geral, Darcy Bessone, e os aconselhamentos jurídicos do assessor Célio Borja. Na falta de uma unidade econômica, levou ao Palácio o economista Luís Paulo Rosenberg. Na Casa Civil, ele encontrou um velho amigo do falecido presidente Tancredo Neves, José Hugo Castello Branco.

Detectados os pontos cruciais para governar à sua maneira, teve início a arrumação da casa, sem dispensar a assessoria familiar de sua filha, Roseane, e do genro, Jorge Murad. Aparentemente simples. Mas não é assim que entendem as pessoas ligadas ao presidente, para as quais as mudanças, inclusive a ministerial, só foram possíveis pela vontade de governar.

Traduziu-se essa vontade pela maneira como Sarney foi atrás de aprendizados de todos os níveis. Desde conversas com exponents da República, como Afonso Arinos de Mello Franco, até os amigos anteriores à Presidência e uma variedade de pessoas bem informadas. "O presidente é um político muito astuto, e acima de tudo político", diz o senador Luís Viana Filho (PDS-BA), que chegou a ser cotado para ocupar a chancelaria brasileira dado à sua proximidade com o presidente. Sarney reúne também antigos rivais, como o deputado Epitácio Cafeteira (sem partido), com quem brigou 20 anos na política do Maranhão. "Agora a gente conversa até de poesia", diz Cafeteira, atualmente defendido pela família Sarney para candidatar-se a governador do Estado.

## ESTILO PRÓPRIO

No dia-a-dia, o presidente não arre-

dou pé da decisão de tomar conhecimento de cada um dos papéis que chegam à sua mesa. Mesmo agora, passada as pressões mais violentas, o presidente Sarney surpreende pelo domínio dos mais variados assuntos.

Na esfera do Palácio do Planalto, ele cuidou de extinguir as assessorias econômica, de Rosenberg, e a jurídica, de Célio Borja. Mas não dispensou o genro, Murad, e ganhou o ministro do planejamento, João Sayad, em uma sala no terceiro andar, vizinha à sua. Enquanto isso, transferiu Marco Maciel do Ministério da Educação para a Casa Civil, atraído pelo inegável talento político do ministro pernambucano.

É para a Casa Civil, na verdade, que tem desembocado brigas parlamentares, clumeiras políticas e as inevitáveis solicitações de dinheiro para programas municipais. A princípio deu-se ao ministro uma atribuição que parecia concretizar-se a de "primeiro-ministro". No entanto, com o passar do tempo, constata-se que o avanço da Casa Civil restringiu-se à área administrativa, impulsionado com a criação de seis sub-chefias. Elas recebem, analisam, avaliam as questões institucionais, intergovernamentais, parlamentares, jurídicas e de comunicação social.

Mas quem decide é o presidente Sarney. Durante a preparação do discurso que anunciou a reforma monetária e econômica do País, depois de muitos rascunhos, palpites, substituições de palavras e frases inteiras, o presidente decidiu, sozinho, e de última hora, incluir uma frase, que foi suficiente para mobilizar todo o País. E criou "O fiscal do Sarney".

M.R.C. e B.R.